



## **As relações comerciais entre Brasil e Inglaterra no início do século XIX**

Autor: **Carolina Bortolotti de Oliveira**

Instituição: **IFCH/ Unicamp**

E-mail: [linabortolotti@yahoo.com.br](mailto:linabortolotti@yahoo.com.br)

### **1. Introdução**

Esse artigo tem como objetivo analisar como se estabeleceram as relações comerciais entre Brasil e Inglaterra nas primeiras décadas do século XIX, verificando-se a relevância desse comércio nas transformações sociais, urbanas e até mesmo na vida cotidiana, uma vez que a importação de uma infinidade de produtos industrializados britânicos teria difundido novos hábitos e costumes, em um momento histórico marcado pela vinda da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro, em 1808, e a Abertura dos Portos às Nações Estrangeiras – particularmente à Inglaterra – em 1810.

O trabalho aqui apresentado é parte integrante da dissertação de Mestrado intitulada: “*O Gosto Inglês no Brasil: a presença britânica na formação dos subúrbios do Rio de Janeiro, Salvador e Recife no século XIX*”, sendo que para o desenvolvimento da referida pesquisa, foram consultados - juntamente com uma bibliografia secundária - jornais de época, almanaques comerciais, incluindo os diários dos viajantes ingleses.

Com uma documentação prévia levantada, foi possível identificar não apenas os aspectos políticos e econômicos que nortearam a importação dos produtos britânicos (em troca da matéria prima brasileira), mas como tais relações comerciais teriam provocado mudanças de âmbito social, inicialmente no Rio de Janeiro - para onde a Corte portuguesa se transferiu e os principais tratados comerciais foram estabelecidos.

Ao analisar também os aspectos de troca e negociação dentro de um mercado incipiente e que posteriormente daria impulso para o desenvolvimento industrial em nosso país; os ingleses, na tentativa de expandir seu consumo de produtos em territórios estrangeiros, acabaram difundindo novos hábitos cotidianos, acrescentando-se a nova infra-estrutura urbana, os sistemas financeiros e agrícolas e, sobretudo, uma diversidade industrial a partir da segunda metade do século XIX.

### **II. O panorama político e econômico no início do século XIX no Brasil**



A partir de 1808, com a chegada da Corte portuguesa ao Rio de Janeiro, mais de trinta estabelecimentos comerciais foram criados em conexão com a Grã-Bretanha. O porte desse comércio e seu rápido desenvolvimento podem ser demonstrados através dos gastos que o Brasil despendia com as importações: 1860.000 libras contra o recebimento de 950.000 libras em 1820, e no ano seguinte, 2230.000 libras contra 1300.000 libras recebidas com suas exportações, ou seja, a importação das mercadorias inglesas era maior que a exportação dos produtos brasileiros para o mercado europeu.

Diante disso, os portugueses desejavam ter seus privilégios restabelecidos, já que com os tratados de 1810, eles perderam cerca de cinco sextos de seu mercado externo<sup>1</sup>. Essas pressões, por sua vez, teriam desencadeado a ruptura definitiva do pacto colonial, em 1815, elevando o Brasil à categoria de Reino Unido. Com isso, o Brasil passaria a se distanciar do antigo estatuto de colônia, ganhando uma autonomia relativa, visto que o Estado português estaria reproduzindo aqui o seu sistema administrativo, controlando todo o império do Rio de Janeiro.<sup>2</sup> Como os portos brasileiros estavam se abrindo ao comércio britânico, alterou-se radicalmente a situação do Brasil colônia.

A primeira metade do século XIX, portanto, se apresentou como um período decisivo para a formação da cultura nacional, visto que diversos fatores contribuíram para isso, como:

1. a transferência da família real portuguesa para o Brasil e a conseqüente elevação do país a Reino Unido, assim como sede da Corte;
2. a independência política e o estabelecimento de um estado nacional;
3. a progressiva emancipação econômica e a passagem de um sistema exportador escravagista para outro - baseado no trabalho assalariado;
4. o surgimento de uma classe média urbana e de um comércio interno, aliado aos nascentes grupos industriais.

### **III. O comércio inglês e as mudanças no modo de viver dos brasileiros durante o Império**

---

<sup>1</sup> DE FIORE, Elisabeth e Otaviano (org.) *A Presença Britânica no Brasil (1808-1914)*. São Paulo: Paubrasil, 1987. p. 32

<sup>2</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 36



A Grã-Bretanha, já no início do século XIX, apresentava uma atividade industrial continuamente progressista e crescente, vinculada às riquezas acumuladas pelos comerciantes e industriais capitalistas durante a Revolução Industrial. Importantes bases econômicas, como a extensa indústria têxtil, o ferro, o aço, o carvão, os aperfeiçoamentos tecnológicos nos meios de transporte e na indústria de ferramentas, além da aplicação das teorias científicas por volta de 1850, permitiram que a Inglaterra desenvolvesse um processo de mudanças sociais e tecnológicas sem precedentes.<sup>3</sup> Dessa forma, o século XIX foi marcado pela expansão de suas ideologias políticas, pela crescente exportação de seus produtos e pelo aumento incessante dos investimentos de capitais no exterior – como foi o caso do Brasil.

Dentro do contexto econômico internacional, as atividades comerciais exercidas pela Grã-Bretanha adquiriram enorme importância no Brasil, principalmente durante o século XIX, o que resultaria, portanto, na vinda e, conseqüentemente, na formação de uma considerável colônia inglesa, com seus estabelecimentos comerciais e industriais em várias cidades portuárias, como Belém, São Luís e Fortaleza mas, principalmente, no Rio de Janeiro, no Recife e em Salvador.

Das cidades inglesas que mantiveram comércio com o Brasil, Liverpool, por exemplo, chegou a absorver grande parte do algodão baiano e cearense e, a Grã-Bretanha como um todo, adquiriu três quartos do algodão exportado por Pernambuco e a metade do seu açúcar. Enquanto isso, os navios ingleses carregavam do Pará - entre outros artigos - cacau, café, borracha, madeira e salsaparrilha para a Europa.<sup>4</sup> Vários desses produtos, no entanto, alcançaram uma exportação mais compensadora depois que as estradas de ferro, quase todas construídas por técnicos britânicos ou com capital inglês, proporcionaram às principais áreas produtoras de açúcar, café e algodão, maior facilidade de acesso aos grandes portos brasileiros em relação aos meios de transporte usados nos tempos coloniais - como as barcaças, os carros de boi e as tropas de mula.

Com a Abertura dos Portos, os navios ingleses que chegavam aos portos do Rio de Janeiro, Salvador e Recife traziam não apenas artigos domésticos, como louças, vidros e móveis, mas elementos em ferro destinados às melhorias das residências. Conforme as

---

<sup>3</sup> GRAHAM, Richard. *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil, 1850-1914*. São Paulo: Brasiliense, 1973. p.14

<sup>4</sup> MANCHESTER, Alan K. *Preeminência Inglesa no Brasil. Tradução Janaína Amado*. São Paulo: Brasiliense, 1973.p.32



citações de Gilberto Freyre,<sup>5</sup> já no início do século XIX, mesas, armários, cozinhas e coqueiras passaram a receber pratos, panelas, copos, jarros, bules, talheres e xícaras fabricadas na Inglaterra. Entre outros artigos também importados da Grã-Bretanha, nas primeiras décadas do século XIX, estavam chapéus, calçados, louças, vidros, queijo, manteiga, espelhos, presuntos, várias qualidades de pano, ferro, aço.

E o Brasil que os ingleses encontraram, caracterizava-se pelas raras indústrias manufatureiras, já que o capital disponível ainda estava nas mãos de negociantes luso-brasileiros que se ocupavam exclusivamente da exportação de produtos agrícolas e da importação de escravos, incluindo o controle local do monopólio de produtos alimentícios.

De 1838 a 1850, “*apenas quatro companhias (brasileiras) se estabeleceram e, mesmo assim, eram pequenas e praticamente insignificantes.*”<sup>6</sup>

Os brasileiros livres também encaravam a atividade manual como uma tarefa designada às classes inferiores. Foi assim que Thomas Ewbank registrou em 1846:

“*Eu vi escravos trabalhando como carpinteiros, pedreiros, pavimentadores, impressores, pintores ornamentais e de anúncios, construtores de carruagens, marceneiros, fabricantes de ornamentos militares e lampiões, ourives, joalheiros e litógrafos. Toda espécie de ofício era realizada por artesãos negros e aprendizes.*”<sup>7</sup>

A partir de 1850, entretanto, com a inauguração de uma linha regular de navios a vapor entre Liverpool e o Rio de Janeiro, as compras e as vendas de mercadorias, cartas e encomendas, e principalmente as viagens de parentes e amigos, agora poderiam ser feitas regularmente, já que a *Linha de Paquetes a Vapor de Liverpool* mantinha o ritmo de seus vapores Brasileira, Luzitana, Olinda e Bahiana com uma pontualidade naturalmente britânica: saía sempre de Liverpool dia 24 de cada mês para chegar no Rio de Janeiro no dia 21 do mês seguinte, continuando depois a viagem pelo Rio da Prata.<sup>8</sup>

Outros dados que comprovam a intensa atividade comercial do período pode ser observada através do *Jornal do Commercio*, de 1850, registrando que os fardos e as caixas vindas da Inglaterra foram encaminhadas para 63 comerciantes, dos quais 41

<sup>5</sup> FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil – aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*. 3.ed. Rio de Janeiro: Topbooks/ Fundação Gilberto Freyre, 2000. p. 241

<sup>6</sup> STEIN, Stanley J. "The Brazilian Cotton Manufacture - Textile Enterprise in an Underdeveloped Area, 1850-1950". *Apud*. GRAHAM, Richard. *Op. Cit.*, p. 24.

<sup>7</sup> *Apud*. DE FIORE, Elisabeth e Otaviano (org.) *Op. Cit.* p. 89

<sup>8</sup> ALENCASTRO, Luiz Felipe (org.) *História da Vida Privada no Brasil. Império: a Corte e a Modernidade Nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. vol.2. p.38 e 39



eram ingleses.<sup>9</sup> As casas de comércio inglesas estabelecidas no Rio de Janeiro vendiam muitos alimentos britânicos, como manteigas, queijos, presuntos, batatas de Jersey, biscoitos de Huntley e Palmers, molhos e mostardas.

Outros itens que representaram a "europeização" da vida nas cidades foram os remédios e cosméticos, como *"as perfumarias dos conhecidos fabricantes, John Gornell e outros"*, o *"sabão transparente cristal"* de William Rieger, o *"óleo para cabelos de Rowland's Macassar"*, além de um clareador de dentes, que poderiam ser obtidos em Londres ou através de George Janson, Rua do Rosário, 52.<sup>10</sup> Também havia mais uma lista de artigos de luxo importados da Grã-Bretanha, incluindo relógios, cronômetros, pianos, louças e artigos de cerâmica, selas e equipamentos para equitação, sombrinhas, palhetas, capas de chuva, cofres de ferro, caixões, armas de fogo, tintas para escrever, bicicletas, pó para limpar pratarias e tesouras para costuras.<sup>11</sup>

Graham ainda nos conta que a introdução de novos mobiliários provocou uma mudança significativa no estilo de vida dos brasileiros. Segundo ele, as casas, até o início do século XIX, eram austeras e praticamente vazias, com tetos bem altos e assoalhos com largas tábuas de madeira. Tal contraste em relação às residências inglesas chamou a atenção de uma jovem recém-chegada da Inglaterra, que afirmou:

*"as casas (...) certamente não são o que os ingleses chamariam de lar, pois não existem lareiras, muito raramente alguns tapetes e o mínimo de mobiliário!"<sup>12</sup>*

Assim sendo, móveis como o aparador inglês, a escrivaninha inglesa, o lavatório e o etagère, além de outras peças importadas da Inglaterra, como latrinas, banheiros de porcelana, manilhas, ralos para água potável, também apareciam nos anúncios de jornais.

Portanto, de um modo geral, com o crescimento urbano das capitais, uma nova maneira de viver foi apresentada pela colônia britânica aqui presente. Os ingleses contribuíram diretamente com a expansão da economia cafeeira, revolucionando o sistema tradicional brasileiro. Forneceram também grande parte da infra-estrutura urbana das capitais e parte dos investimentos para a industrialização do país. Podem ser considerados os

<sup>9</sup> Vid. "Importação – Manifesto". *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro e indicador para 1850*. Suplemento, p.97. *Apud.* GRAHAM, Richard. *Op. Cit.*, p.89

<sup>10</sup> Vid. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro. 01/01/1871, 06/01/1871, 03/02/1882, 05/02/1882 e 04/06/1882. *Apud.* GRAHAM, Richard. *Op. Cit.*, p.119

<sup>11</sup> Vid. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro. 01/01/1850, 03/01/1850, 08/01/1850, 11/01/1850, 16/01/1850, 23/01/1850, 26/01/1850, 02/05/1850, 04/05/1850, 06/05/1850, 01/09/1850, 02/09/1850. *Apud.* GRAHAM, Richard. *Op. Cit.*, p.120

<sup>12</sup> GRAHAM, Richard. *Op. Cit.*, p.120



agentes das maiores transformações da mão-de-obra brasileira e divulgadores de uma estrutura social e uma visão de mundo presentes na Europa Ocidental.<sup>13</sup>

Finalmente, a importação dos produtos britânicos e o início do desenvolvimento de um setor industrial contribuiu no processo de transição social e econômica do país, suprimindo seu aspecto colonial para abrir caminho à própria industrialização brasileira, principalmente após 1880, quando se verificou um declínio no volume de importação de muitos produtos europeus em nosso país.

#### IV. Bibliografia

ALENCASTRO, Luiz Felipe (org.) *História da Vida Privada no Brasil. Império: a Corte e a Modernidade Nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. vol.2.

DE FIORE, Elisabeth e Otaviano (org.) *A Presença Britânica no Brasil (1808-1914)*. São Paulo: Paubrasil, 1987

FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil – aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*. 3.ed. Rio de Janeiro: Topbooks/ Fundação Gilberto Freyre, 2000.

GRAHAM, Richard. *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil, 1850-1914*. São Paulo: Brasiliense, 1973.

MANCHESTER, Alan K. *Preeminência Inglesa no Brasil*. Tradução Janaína Amado. São Paulo: Brasiliense, 1973.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

---

<sup>13</sup> *Id., ibid.*, p. 09



**Mapa com os vários bancos ingleses distribuídos pelo Brasil, no final do século XIX.**

Em maio de 1862, um grupo de investidores reunidos no escritório de Robert Benson & Co., apontou: *“o rápido crescimento das relações comerciais entre Brasil e Grã-Bretanha e os grandes investimentos britânicos em empreendimentos brasileiros pedem o estabelecimento de uma companhia em Londres que se encarregue dos negócios bancários no Brasil.”*

Com essa decisão, em fevereiro de 1863, foi aberta a sede carioca do *London and Brazilian Bank*.

Fonte: DE FIORE, Elisabeth e Otaviano (org.) *A Presença Britânica no Brasil (1808-1914)*. São Paulo: Paubrasil Editora, 1987. p.123



**Vista panorâmica do Rio de Janeiro, com destaque para o cais e a Alfândega.** Meados do século XIX. *Charles Ribeyrolles*.

Fonte: DE FIORE, Elisabeth e Otaviano (org.) *A Presença Britânica no Brasil (1808-1914)*. São Paulo: Paubrasil, 1987. p.105